

UTILIZAÇÃO DE ÓLEO GIRASSOL NO TRATAMENTO DE FERIDAS CUTÂNEAS EM CÃES.

LUCIÉLE PEREIRA DE MELO¹; DANIELE WEBER FERNANDES²; WESLEY PORTO DE OLIVEIRA³; ANDRÉ PORTELLA DE OLIVEIRA AMARAL⁴; ISABEL DUARTE SCHUCH⁵; CRISTIANO SILVA DA ROSA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – lucielemelo.96@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danielewfernandes@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – wesleypo99@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – belschuchvet@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – andreamaralgm@hotmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – cristiano.rosa@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Com o passar dos anos, diversos estudos foram elaborados com o intuito de comprovar a eficácia de plantas medicinais. Diante disso, foram provados alguns efeitos benéficos como atributos farmacológicos, sendo indicados para quaisquer tipos de tratamentos não muito agressivos (TORRES *et al.*, 2021). Em alguns países, principalmente os da América Latina, os óleos de origem vegetal são usados como recurso terapêutico para a cicatrização de feridas, tendo em sua composição ácidos graxos que, por sua vez, agem na resposta imunológica, intervindo em alguns processos inflamatórios (FERREIRA *et al.*, 2011).

Dentre os óleos essenciais, um dos mais utilizados é o de girassol, que possui em sua composição ácido linoleico, linolênico e oleico, tendo particularidades anti-inflamatórias, bactericidas e antissépticas, sendo seu uso indicado de forma tópica para tratamentos de diversas lesões (LICIARDI *et al.*, 2015).

Segundo ASSIS *et al.*, (2020), devido à elevada quantidade de ácido linoleico, o óleo girassol pode ser indicado como tratamento terapêutico de baixo custo para a técnica de cicatrização de lesões. Além de favorecer o equilíbrio e evitar a perda de água da pele, ele ajuda na regulação da divisão celular e auxilia também na estabilidade da descamação da epiderme.

Desta forma, o objetivo deste trabalho é relatar o uso do óleo de girassol em lesões cutâneas presentes em dois cães de raça pura atendidos em uma clínica veterinária, sendo ambos moradores de ambiente rural.

2. METODOLOGIA

Foram atendidos em uma clínica veterinária particular de Pelotas, dois caninos, ambos machos, castrados, com três anos de idade. Um deles era da raça Ovelheiro Gaúcho (caso A) e outro da raça Collie (caso B).

O caso A foi atendido em março de 2021, sendo este animal proveniente do interior da cidade de Rio Grande/RS. Durante a anamnese, o tutor relatou que o mesmo havia sido picado por uma cobra há cerca de cinco dias, no ambiente rural em que vive. Este, sem orientação veterinária, medicou o paciente com fármacos à base de anti-inflamatórios esteroidais e antibiótico (penicilina). Após cinco dias de tratamento sem sucesso quanto a melhora da lesão, foi levado para atendimento veterinário.

O paciente do caso B foi atendido em 2020 e era proveniente de São Lourenço do Sul/RS e, segundo o relato do tutor, o mesmo brigou com outro cão

acarretando em lesões graves no pescoço e na região do flanco esquerdo. Desta forma, foi levado para atendimento clínico alguns dias após o ocorrido, sendo observada infecção no local das lesões, perda de tecido e presença de miíase.

No atendimento realizado na clínica veterinária, para ambos pacientes foi feito o exame clínico geral e específico e, em seguida, a colheita sanguínea para posterior realização de hemograma e exames bioquímicos, nos quais foram solicitadas as dosagens das enzimas ALT, AST, FA e Creatinina, assim como a verificação da glicemia dos pacientes. Ademais, os dois pacientes receberam tratamento de suporte na clínica veterinária durante três semanas e seguidamente tiveram alta médica, podendo retornar ao ambiente rural.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No exame clínico do paciente A, foi observada a presença de miíases e necrose tecidual na região nasal e cervical ventral (Figura 1). As frequências cardíaca e respiratória estavam dentro dos parâmetros fisiológicos e as mucosas encontravam-se normocoradas. No entanto, o paciente apresentava desidratação de grau leve e sentia incômodo na região lesionada. Os exames hematológicos solicitados demonstraram resultados dentro dos parâmetros fisiológicos para a espécie.

Assim, foi administrado por via oral em dose única medicamentos à base de Nitenpiram (Capstar®) e Sarolaner (Simparic®) como ectoparasiticidas para a eliminação das miíases que estavam presentes em grande quantidade nas lesões do paciente. Também foi prescrito cloridrato de tramadol como analgésico, por via subcutânea injetável, uma vez ao dia, durante sete dias, e iniciado o uso de antibiótico à base de penicilina e estreptomicina (Shotapen®), por via subcutânea, sendo usado apenas na primeira semana.

O uso de opióides como o cloridrato de tramadol é indicado no controle de dor nos casos de acidentes com animais peçonhentos, visto que as enzimas presentes no veneno destes animais contêm substâncias vasoativas, as quais promovem dor intensa, edema, hemorragias e constante necrose (COSTA et al., 2011). Associado ao tratamento sistêmico foi estabelecido um protocolo de limpeza da lesão com clorexidina, açúcar cristal e a aplicação de óleo de girassol uma vez ao dia, durante três semanas consecutivas.

No paciente B, também foi observada a presença de miíases durante o exame clínico, além de lesões profundas e ulceradas na região do pescoço e flanco esquerdo (Figura 2), apresentando dor intensa à palpação local. O animal também apresentava odor fétido, porém apresentava um grau leve de desidratação.

Desta forma, o manejo terapêutico do paciente foi realizado através da administração de analgésico para o controle da dor, permitindo que logo a seguir fosse realizada uma higiene completa com banho e limpeza da lesão. Nesse caso, o paciente esteve internado durante todo tratamento e, durante esse período, recebeu a administração de fármacos por via oral a base de cloridrato de tramadol (Cronidor® 40 mg/kg; 1 comprimido; 12-12 horas nos primeiros dois dias); cefalexina (Petsporin® 300mg/kg; um comprimido de 12-12 horas por seis dias); meloxicam (Flamavet® 2 mg; meio comprimido uma vez ao dia por sete dias).

Devido a presença de infecção na lesão, foi realizada a limpeza com solução fisiológica e, logo após, a aplicação de óleo girassol embebido em gaze,

fixado no local com uma atadura elástica e roupa pós-cirúrgica durante três semanas.



Figura 1 – Paciente com lesão cutânea na região cervical ventral na primeira semana de uso de óleo girassol associado ao tratamento sistêmico (A), na segunda semana de uso (B), e na terceira semana (C). Observar a evolução da lesão.

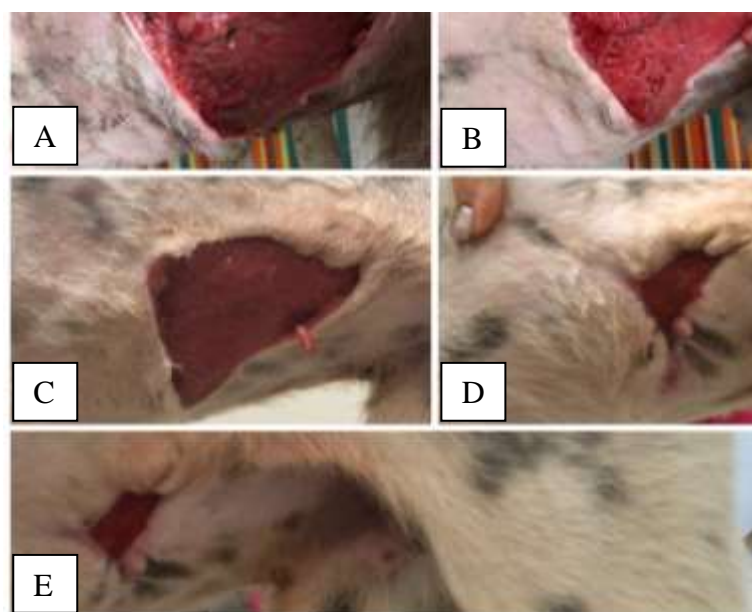


Figura 2 – Segundo paciente, demonstrando grave lesão cutânea (A e B), na primeira (C), segunda (D), e terceira semana (E) de tratamento com o uso de óleo girassol tópico, associado ao tratamento sistêmico.

De acordo com TORRES et al (2021), o uso de plantas medicinais como terapia adicional traz maior segurança terapêutica, além de ser uma estratégia complementar no tratamento de diversas doenças. Dentre as plantas, o óleo de girassol é um fitoterápico em destaque, pois promove a rápida estimulação durante o processo de cicatrização de tecidos lesados. Este tem sido muito utilizado como umas das terapias de escolha em pacientes humanos com

Diabetes *Mellitus*, doença na qual promove uma revascularização e diminuição de fatores de crescimento, o que ocasiona a dificuldade na cicatrização de lesões.

Segundo FERREIRA et al. (2012), o ácido linolênico é um lipídio encontrado em grande quantidade na epiderme, ocasionando o aumento de macrófagos e leucócitos, sendo essencial para a formação do sistema fibrinolítico, o que induz a granulação e aumento do processo cicatricial, além de ser um protetor externo da pele, impedindo que fatores químicos e enzimáticos sejam prejudiciais.

Nos casos relatados no presente trabalho, foi estipulado o mesmo tratamento, em associação com a antibioticoterapia e ambos pacientes tiveram uma boa resposta dentro de três semanas, sendo que o tempo de resolução varia conforme o animal.

4. CONCLUSÕES

É possível concluir que o tratamento através do uso de fitoterápicos como o óleo de girassol tem fundamental importância como complemento na terapia alopática, além de ser uma alternativa de baixo custo. No entanto, boa parte dos estudos encontrados na literatura são casos de sucesso na medicina humana, sendo pouco relatado seu uso em animais.

Considerou-se satisfatório o protocolo utilizando-se o óleo de girassol na cicatrização das lesões dos dois pacientes relatados, além de ser uma opção terapêutica de baixo custo.

Ainda que os resultados observados foram satisfatórios, preconiza-se a realização de novas pesquisas para melhor avaliação desta alternativa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, P.T; VILLALBA, B.V; LANGWINSKI, G; SILVA, P.A. Potencial efeito terapêutico do óleo de girassol na cicatrização cutânea: Um estudo teórico. p. 2525-3999, 2020.

COSTA, D.; LANDSFELDT, M.S.; PEGORARO, N.D. Picada de animal peçonhento em um cão – relato de caso. XV Seminário interinstitucional de ensino, pesquisa e extensão da UNICRUZ, 2011.

FERREIRA, M.A; SOUZA, V.M.B; RIGOTTI, A.M; LOUREIRO, R.M. Utilização dos ácidos graxos no tratamento de feridas: uma revisão integrativa da literatura nacional. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, n. 3, p. 752-760, 2012.

LICIARDI, M.L.A.L; SILVA,A.C; BURGOS,F.N.R.F; ALMEIDA,L.E. Avaliação do potencial de cicatrização do óleo de semente de girassol associado ao ultrassom terapêutico em ratos (*Rattus norvegicus*) com ferida cutânea induzida. **Medicina Veterinária (UFRPE)**, v. 14, n. 4, p. 254-260, 2020.

TORRES, B.S; QUEIROZ, G.F.L.A; SANTOS, A.N.A; ALVES, Q.G; SILVA, A.I; BRITO, C.K.J. Óleo de girassol (*Helianthus annuus* L.) como cicatrizante de feridas em idosos diabéticos. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 2, p. 4692-4703, 2021.